



2002

Associação 25 de Abril
Rua da Misericórdia, 95 • 1200-271 LISBOA
Tel. 21 324 14 20 Fax 21 324 14 29
E-mail: a25a.sec@25abril.org

28 anos são passados sobre o 25 de Abril de 1974. Novas gerações aí estão, entrando em força na vida activa e na vida pública, trabalhando, estudando, contestando, enfim integrando-se na marcha do seu País, com mais de oito séculos, mas ainda com ânsia de mudança e renovação, certo de que não pode estagnar e morrer, com aquela insatisfação que levou os «capitães» a derrubar um regime que, não fora a repressão e as guerras coloniais, seria apenas um anacronismo bafiento.

Comemorar é reviver, mas é também afirmar a vontade de intervir no futuro. Comemorar é, desde logo, contrariar as tentativas de revisão da História. É não permitir o apagar das memórias, seja do antes, do durante ou do depois. É evitar o ofuscar das personalidades sobre as quais permanece um incómodo sentimento de gratidão, perturbador para quem gostaria de gerir uma sociedade sem referências. Mas, como é fundamental manter essas referências, como outras bem importantes, comemorar é precisamente preservá-las e nunca reclamar qualquer prémio. Porque esquecer o passado é perder as referências e negar a própria identidade, nós não aceitamos esquecer.

Mas fixar-se nesse passado é condenar-se à extinção, pela universal lei da evolução.

Por isso, comemoramos. Mas, mais do que comemorar o passado, não o esquecendo, queremos, porque se impõe, pensar, ou melhor, lançar o futuro. E este apresenta-se cheio de desafios, ameaças e encruzilhadas, a curto ou a longo prazo. Reconhecem-no todos, nomeadamente os responsáveis, mas estes atribuem-se mutuamente as culpas e rejeitam reciprocamente as soluções.

Acusam-se os cidadãos em geral, e os jovens em particular, de indiferença crescente quanto à coisa pública, sendo, contudo, notório que essa indiferença tem várias origens, mas radica fundamentalmente no comportamento dos responsáveis políticos, na usurpação pessoal do poder, na ausência de responsabilização dos prevaricadores e na sensação de impunidade dos mesmos.

Impõe-se assim uma luta sem tréguas contra essa indiferença. A nossa História mostra-nos que, em momentos de suprema necessidade, fomos capazes de enfrentar tormentas, fomos capazes de encontrar soluções. Temos de demonstrar que também somos capazes de intervir antes de se atingirem os momentos de suprema necessidade. Enfrentando as dificuldades, não apenas através de paliativos, mas principalmente através da sua prevenção.

Existe hoje, sobretudo nos mais jovens, um sentimento de irreversibilidade da democratização e do progresso que o 25 de Abril permitiu. Factos recentes vêm

confirmar as lições da História, demonstrando-nos que os retrocessos são possíveis e se verificam muitas vezes, normalmente sem se fazerem anunciar e quando menos com eles se conta. Alguns, com duras e nefastas consequências.

Temos de viver a Democracia, porque isso constitui a sua essência. Governo do povo tem de ter participação do povo. Os mandatos que deste emanam não podem ser meras procurações, como que o alijar de um fardo pesado e incómodo, para as costas mais adequadas ou, pior ainda, simplesmente mais disponíveis. É importante, é fundamental viver e aprofundar a Democracia, sempre ideal mas sempre imperfeita, como toda a obra humana.

Mas, se viver a Democracia é construir Abril, este só se realiza se a vivermos, pugnando pelos direitos e assumindo os deveres de todos e cada um.

Sejamos intransigentes na defesa dos direitos humanos, da Liberdade, da paz, da solidariedade, da preservação da natureza.

Sejamos intransigentes na luta contra os terrorismos, incluindo o de Estado e na luta contra a droga.

Enfim, na luta pelos ideais que há 28 anos nos fizeram avançar para a inesquecível jornada do 25 de Abril.

Sejamos intransigentes na defesa desses valores, não apenas na exigência de que outros os pratiquem, mas, acima de tudo, na imposição ética, dessa mesma intransigência para conosco.

Só assim construiremos um Portugal de Abril.

Lisboa, Abril de 2002

A Direcção